

200 Anos em 10 Minutos

J. Roberto Whitaker Penteadó

A História nem parece História quando você a está vivendo. - John W. Gardner

Pela ESPM - juntamente com a MPM e a Margarida Filmes – incumbidos pela ABAP de criar os três filmes de apresentação do IV Congresso Brasileiro de Publicidade (que rola esta semana), coube-me dar o mergulho histórico, com o pessoal do Instituto Cultural e do setor de Marketing, nos arquivos da nossa Propaganda. Que, como quase todos sabem, começa oficialmente, com o primeiro anúncio classificado publicado na edição de 17 de setembro de 1808 da Gazeta do Rio de Janeiro.

Há três décadas dedicado ao ensino e à observação da publicidade, foi uma experiência e tanto reviver o dia-a-dia de uma agência, na mesma agência (bem, quase a mesma) em que atuei como contato, no Rio, nos anos 70... Admito que é trabalho mais adequado para jovens. A tecnologia, por exemplo, melhorou, mas os prazos encurtaram...

Mas houve algumas constatações interessantes, sem muitas surpresas. A propaganda brasileira é um filão muito rico para pesquisas sobre a história da nossa cultura. Há muito a garimpar, ainda – e por motivos óbvios – no que poderíamos chamar de pré-história, antes do surgimento da imprensa, que possibilita à mensagem multiplicar-se. Entre o descobrimento e o início do século 19, muito por aqui se vendeu e se comprou; houve mercados, pregões, estímulos e persuasão, escritos, grafitti, cartazes e insígnias, que se inseririam na classificação geral de publicidade. Nas “histórias” da Propaganda que existem - todas elas resultado de trabalhos de ex-publicitários (ou de profissionais na ativa, como Ricardo Ramos) – o pouco tempo de pesquisa não permitiu que se levantasse, ainda, muita informação – se é que ela existe, para ser descoberta, nos arquivos das nossas bibliotecas e museus.

O século 19, também, ainda reserva muita coisa boa aos futuros pesquisadores. Espero que os novos mestrados e doutorados que estão surgindo - tanto na nossa ESPM, como em outras escolas de comunicação – revelem jovens intelectualmente curiosos em relação a esses ricos setores do nosso passado. Há bons jornais e ótimas revistas, algumas impressas na França, na segunda metade do século. Em algumas mansões patricias de S. Paulo e do Rio, podemos ver, ainda, páginas recortadas das suas seções de moda, emolduradas, decorando renitentes quartos de vestir de jovens senhorinhas – acreditem. Nos anos 90, há registro da fundação e do funcionamento das primeiras agências de propaganda, como a de Honório da Fonseca, em 1891, ou a de Olavo Bilac (!), que ficava na Avenida Rio Branco...

Finalmente, há o período das três primeiras décadas do século passado. Tenho muita curiosidade sobre o que se passou nesse tempo, sobretudo porque não me foi dado conviver com a primeira geração dos grandes nomes da nossa profissão, como Julio Cosi (pai), Eugênio Leuenroth, Francisco Pettinatti, Armando d’Almeida ou mesmo Origenes Lessa – antes de que aqui chegassem as grandes agências americanas com as fórmulas da propaganda científica de Claude Hopkins, que demoliram a estrutura ingênua dos nossos reclames.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=60&ID=471>>.
Acesso em: 24 jul. 2009.